

Américo da Costa Ramalho
Universidade de Coimbra

Ainda *Aquila* em Cataldo

Entre a documentação publicada nas *Provas de História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo VI, ii Parte¹, encontram-se os *Omnia Cataldi Aquilae Siculi quae extant, Opera, per Antonium de Castro, denuo correctae, ac nunc primum in lucem edita*. António Caetano de Sousa, ao que parece, encontrou o manuscrito em que António de Castro, em meados do século XVI, reunira as poesias de Cataldo Parisio Sículo que descobrira num manuscrito abandonado e em mau estado. Convencido de que nunca tinham sido publicadas, empregou os seus melhores esforços para editá-las num livro que dedicou à Infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel I. Infelizmente foi vítima de uma série de enganos com os quais enganou, duzentos anos mais tarde, o próprio Caetano de Sousa.

Começarei por comentar o título acima, com que esses poemas latinos foram publicados nas *Provas*. Em primeiro lugar, o humanista Cataldo Parisio Sículo (1455-c. 1517) nunca se chamou *Aquila* mas *Parisius*; depois, o livro preparado por António de Castro não contém as obras todas de Cataldo mas apenas uma parte da Poesia. Por outro lado, omite os dois livros de *Epístolas*, publicados respectivamente em 1500 e 1513. Isto é, António de Castro, não conhecendo as cartas, e só uma parte dos versos, ignorava quase tudo a respeito do humanista italiano que chegou a Portugal em 1485, para ensinar D. Jorge, o filho bastardo de D. João II e D. Ana de Mendonça. Teve o título oficial de *Orator*, isto é, orador latino, encarregado da correspondência internacional, em latim, do soberano.

Voltemos, porém, aos versos de Cataldo e ao poema *Aquila*. Durante muitos anos, e ainda num artigo recente², acreditei que o poema recebera esse nome em homenagem à cidade de Santarém que aparece como cenário da morte do príncipe D. Afonso em Julho de 1491. Essa é também a opinião de Mario Cosenza, *Biographical and Bibliographical Dictionary of Italian Humanists*, Boston, 1962, III, 2606 e segs.

¹ A edição utilizada foi a de Manuel Lopes Almeida e César Pegado, Coimbra, Atlântida, 1954.

² Vide “Uma carta de Cataldo ao Duque de Beja”, *Habent sua fata libelli. Colectânea de estudos em honra do Doutor Fernando Guedes*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMIV, p. 317-323; *Estudos sobre o século XVI*, Lisboa, INCM, ²1983, p. 45.

Hoje, porém, estou convencido de que o título desse longo poema em quatro cantos tem mais que ver com a figura de D. João II, embora a comparação de Santarém com uma águia sobre a paisagem alguma coisa possa ter contribuído para o título.

A intenção profunda de *Aquila* era consolar o soberano e sua mulher, a rainha D. Leonor, da morte do filho. E também sugerir que D. João II tinha, felizmente, um herdeiro na pessoa de D. Jorge, o seu filho bastardo. Mas o rei faleceu aos quarenta anos de idade em 25 de Outubro de 1495. A sua morte modificou por completo todo o ambiente que rodeava o humanista.

Durante cerca de quatro anos Cataldo acreditara que o sucessor seria o rapaz, para cuja educação ele fora chamado de Itália, e de quem tinha sido um verdadeiro pai. Ainda em Novembro de 1494, quando Jerónimo Münzer visitou Portugal, Cataldo falou-lhe de D. Jorge em termos tais que o médico alemão se lhe refere no seu *Itinerarium*³ como um jovem instruído e inteligente, bem digno de suceder no trono a seu pai. Mas a situação mudou e foi o irmão da rainha D. Leonor, primo e cunhado de D. João II, o herdeiro escolhido.

Hoje, é crença geral que D. João II não morreu envenenado. Já em fins de 1494 Münzer, que era médico e o conheceu pessoalmente, lhe achou mau aspecto. Admite-se que foi o desgosto da morte do único filho legítimo e a ruína dos seus projectos de futuro para o reino que o consumiram de desgosto. Pela minha parte, creio que outro desgosto ainda contribuiu para a sua morte prematura: a impossibilidade de o seu filho bastardo lhe suceder.

Cataldo não ignorava que era essa a vontade de D. João II pois foi o italiano quem redigiu em aprimorado latim, cada uma em seu estilo, e não repetidas à maneira de circular, as numerosas cartas de recomendação que o bispo de Ceuta levou consigo para Itália em 1493 quando foi prestar obediência em nome do rei luso ao novo papa, o espanhol Alexandre VI.

As cartas de que atrás falo, levadas pelo bispo D. Fernando de Almeida, encontram-se no volume I das *Epístolas* de Cataldo. Como de costume, em conferência pronunciada na Universidade de Aveiro a 10 de Maio de 1990⁴, exprimi a minha convicção de que a incumbência que levava o bispo de Ceuta, que ia residir por tempo indeterminado em Roma, era a de promover a legitimação de D. Jorge para tornar fácil a sua ascensão ao trono de Portugal. Tal não foi possível, dada a oposição da rainha D. Leonor que impôs ao marido, como atrás disse, o seu irmão Manuel⁵.

A rainha encontrou aliados para os seus planos na própria Cúria Romana. Um deles foi o cardeal de Lisboa, D. Jorge da Costa, que não morria de amores por D. João II, e gozava da confiança do papa. Outro foi o próprio Sumo Pontífice que estava sob a influência dos Reis Católicos, neste caso aliados de D. Leonor.

³ Cf. Basílio de Vasconcelos, *"Itinerário" do Dr. Jerónimo Münzer (excertos)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932, p. 15.

⁴ Vide A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, vol. II, Lisboa, FCG/JNICT, 1994, p. 66.

⁵ Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1949, Parte I, cap. ii.

Quanto a Cataldo, não só não foi aclamado rei o seu discípulo D. Jorge, mas este ainda se mostrou ingrato com o mestre e educador, sacudindo a sua tutela, algo imperiosa. O humanista procurou então aproximar-se do novo soberano, por intermédio do camareiro-mor D. João Manuel que era seu amigo e se tornou seu mecenas. Assim, vemos o rei D. Manuel levar Cataldo no seu séquito em 1498 quando foi a Castela e Aragão para que o seu filho nascituro fosse jurado herdeiro de Castela, Aragão e seus domínios. Infelizmente sua mulher, a rainha Isabel, faleceu de parto, como é sabido.

Uma carta⁶ de Cataldo a D. João Manuel, escrita em Saragoça, onde ambos se encontravam, mostra o humanista desvanecido com a afabilidade do rei de Portugal, quando apresentou ao sogro, Fernando o Católico, o mestre italiano num dia de Junho de 1498. O novo soberano português não só confirmou Cataldo nas funções de *orator* mas também lhe arranjou novos alunos na sua própria família.

Por carta de Cataldo⁷, ficamos a saber que D. Dinis, irmão mais novo do Duque de Bragança, D. Jaime, era seu aluno antes da viagem a Castela. E nesse mesmo ano de 1498, Cataldo iniciou a tarefa de aperfeiçoar o latim dos filhos de D. Fernando de Meneses, 2º marquês de Vila Real, a saber, D. Pedro de Meneses e D. Leonor de Noronha, dois dos seus alunos mais brilhantes. O ensino de D. Dinis de Bragança introduziu o humanista no círculo desta casa ducal. E Cataldo parece ter ficado fascinado com a figura do mais prestigioso dos Braganças, o Senhor D. Álvaro, irmão do duque sentenciado em 1483, por ter conspirado contra D. João II.

D. Álvaro, depois da morte do duque seu irmão, refugiou-se em Espanha, onde Isabel a Católica, sua prima, e seu marido D. Fernando reconheceram os seus méritos atribuindo-lhe altos cargos.

No livro I das *Epístolas*, Cataldo pretexta que o seu primo, o jurisconsulto Francisco Parisio, lhe teria escrito, pedindo informações sobre o seu aluno D. Dinis de Bragança, e noutra carta sobre o tio deste, o Senhor D. Álvaro. Os elogios hiperbólicos que Cataldo faz a D. Álvaro mostram que o humanista fora conquistado pelo acolhimento que recebeu dos dois membros da poderosa família dos Braganças. O humanista ensinará ainda um filho do Senhor D. Álvaro, rapaz de nove anos, chamado Jorge, que virá a ter em Espanha uma carreira administrativa de relevo⁸.

Esta entrada de Cataldo ao serviço da Casa de Bragança terá efeitos decisivos na elaboração do poema *Aquila*.

Em 1500, o rei D. Manuel promoveu o casamento de D. Beatriz, filha do Senhor D. Álvaro, com D. Jorge que nesse mesmo ano elevou a duque de Coimbra. Cataldo escreveu sobre este matrimónio um epitalâmio que dedicou ao pai da noiva. Neste poema o Senhor D. Álvaro e sua família recebem uma atenção mais demorada e mais encomiástica do que o pai do noivo. A glória principal de D. João II passa a ser a de ter sido pai de D. Jorge, cuja inteligência e cultura são exaltadas.

O poema deve ter reconciliado o humanista com o seu antigo aluno. As relações entre ambos, aliás, nunca devem ter atingido o ponto de ruptura, pois uma carta do

⁶ *Cataldi Ep. I, e3-e3vº.*

⁷ *Cataldi Ep. I, d4vº-d5.*

⁸ Juan Gil, "Semblanza de Don Jorge de Portugal", *D. João II e o Império. Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, Lisboa, 2004, p. 21-42.

mestre italiano a D. Jorge revela-nos que este, quando já não era seu aluno, ainda lhe pedia um comentário escrito sobre as *Epístolas* de Horácio⁹.

Sabe-se que alguns criados da Casa de Bagança, após o seu regresso e restituição por D. Manuel dos bens que aos Braganças tinham sido confiscados por ordem de D. João II, continuavam a atacar o rei falecido. D. Manuel teve de os meter na ordem¹⁰.

Foi neste ambiente que o poema *Aquila* sofreu certamente uma reelaboração, quando Cataldo se tornou “alumnus” ou “súbdito” da Casa de Bragança. Cataldo diz que a sua publicação fora incentivada por D. João Manuel¹¹.

O camareiro-mor, um dos poetas mais significativos do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, devia gostar de ver a poesia latina, que era então moda nas cortes europeias, também presente na corte de D. Manuel, rei de Portugal.

O humanista entregava agora aos novos ventos as velas do seu barco, e confessava na *Conquestio* ou “Lamentação” ao seu amigo D. João Manuel:

Rege sub elapso duo lustra peregrimus: et uix
Integre laetum uidimus ire diem.
*Sob o falecido rei, completámos dois lustros, e mal
Vimos passar com alegria um dia completo.*

Mas nem sempre terá pensado assim, como documentam os epigramas laudatórios em que o humanista exalta o rei, a rainha e o príncipe herdeiro D. Afonso. Onde vai o tempo em que Cataldo chamava ao soberano *Ioannes Aquila*, tão superior aos restantes príncipes do seu tempo como a águia a todas as outras aves?¹²

Cedite uiuentes Reges, concedite prisci;
Cedeque quod maius Regibus orbis habet.
Et tantum nostro Regi cedatis oportet,
Quantum Aquilae cunctas cedere fas uolucres.
*Cedam os reis vivos, concedam os antigos,
Ceda aquilo que o universo encerra, maior do que os reis.
E convém que ao nosso rei cedais tanto
Quanto é justo que cedam à águia as restantes aves.*

No canto quarto e último do poema *Aquila*, quando D. João II hesita em obedecer ao ente sobrenatural que o visita durante a noite e lhe aconselha que seduza uma das belas damas da corte e nela faça um filho, porque a rainha é estéril, a misteriosa criatura increpa o Rei, dizendo:

Vt nomen sic facta tenes Iouis alitis; anne
Dicere non capio, nec inhaerent mentibus audes?
Verba tibi nuper nocturnas lata per auras?¹³

⁹ *Cataldi Ep. I, b2-b2v^o*.

¹⁰ Damião de Góis, *op. cit.* Parte I, cap. xiii, p. 32.

¹¹ *Cataldi Ep. I, a5-a5v^o*.

¹² *Provas* (ver nota 1), “Ad omnes Reges de Ioanne Aquila, et Gallo pirata”, p. 240.

¹³ Cf. A. Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*, 2ª edição aumentada, Lisboa, INCM, 1983, p. 49.

*Assim como possuis o nome também tens acções da ave de Júpiter. Ousas tu dizer
“não compreendo” e não guardas no pensamento as palavras que,
há pouco, te foram trazidas através das brisas nocturnas?*

Estou hoje convencido de que o poema *Aquila* foi inicialmente escrito para celebrar os méritos de D. João II, águia entre os seus pares. Mas com a sua morte prematura e a entrada de Cataldo ao serviço dos Braganças, em cujo domicílio virá a falecer¹⁴, tudo mudou.

Acaba o projecto de uma colectânea intitulada *Aquila*, do título do poema principal, e este e outros, como *Arcitinge*, *De Perfecto Homine*, *Epithalamium* e alguns mais foram todos impressos sob o título *Poemata*, pouco depois de 1500. O grupo das *Visiones*, *Verus Salomon Martinus* e outros poemas menores foi impresso mais tarde, por altura da Parte II das *Epistolae*, cerca de 1513. *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades...*

¹⁴ Cf. A. Costa Ramalho, “O Touro e a Bigorna: Quatro Epigramas de Cataldo”, *Humanitas*, vol. LII, Coimbra, 2000, p. 287-295.

